

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Anna Letícia Feichas

Perspectivas de professores dos Anos Iniciais a respeito da morte como tema transversal no  
currículo escolar

Porto Alegre  
1. Julho de 2014

Anna Letícia Feichas

Perspectivas de professores dos Anos Iniciais a respeito da morte como tema transversal no currículo escolar

Trabalho de conclusão de curso. Apresentado a comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Johannes Doll

Porto Alegre  
1. Julho de 2014

## AGRADECIMENTOS

Quando entrei na pedagogia da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) tinha muito medo, medo de ser professora, de como cuidar de crianças, de ser responsável, não sabia se conseguiria ser responsável o suficiente. Quando finalmente cheguei à terceira etapa do curso o meu nível de ansiedade, para a primeira Semana de Prática<sup>1</sup>, que só aconteceria na quarta etapa, era muito alta.

Hoje, pensando a respeito, percebo que não tenho mais medo, apenas a alegria de estar encerrando essa jornada, me preparando para iniciar outra e eu gostaria começar agradecendo aos professores e professoras, que contribuíram para eu não tivesse mais medo, que me forneceram as ferramentas necessárias para que eu seja uma Pedagoga, segura do meu trabalho.

Neste mesmo sentido, gostaria de agradecer ao Israel (meu namorado), pois ele aguentou a minha ansiedade e repetiu, dia após dia, que eu não tinha razão para ficar nervosa, que eu me sairia bem. Ele revisou todos os meus textos, me ajudou a construir as minhas atividades e muitas outras coisas mais. Como diz a profa Bella<sup>2</sup> “pena que não dão diploma pra familiar” (SIC), se dessem, ele com certeza merecia receber um.

Agradecer, também, a minha mãe por todo o esforço que fez para que eu chegasse até este momento e que sempre me apoiou.

Gostaria de agradecer ainda, as minhas amigas Bianca, que me apoiou e não me deixou desistir, quando ainda estávamos na fase do vestibular, e a Franciele (carinhosamente chamada de Francislaine), que aguentou o meu mau humor e minha insegurança durante todo o período do curso.

E ainda, e com certeza não menos importante, ao meu orientador Johannes Doll, pois se não tivesse me oportunizado, trabalhar em seu projeto de pesquisa “Finitude, velhice e cuidados ao fim da vida”, talvez eu não tivesse descoberto o tema pelo qual eu me apaixonei. E também por ele ter aceitado seguir comigo nesta empreitada, estudando um tema tão tabu e difícil para todos.

---

<sup>1</sup> No Curso de Pedagogia da UFRGS, a partir do 4º semestre, há as semanas de prática, em que devemos ir para escolas, observar durante uma semana, retornar para nossa turma, construir um planejamento semanal, para após um mês, aproximadamente, executá-lo na turma observada.

<sup>2</sup> Professora Dr. Maria Isabel Dalla Zen.

Podemos considerar parte de nossa tarefa fazer com que o fim, a despedida dos seres humanos, quando chegar, seja tão fácil e agradável quanto possível para os outros e para nós mesmos; e podemos nos colocar o problema de como realizar essa tarefa. (ELIAS, 2001, p. 7- 8.)

## RESUMO

A morte na sociedade está, por um lado, escondida e por outro presente e banalizada nas mídias, em jogos e também trata-se de um tema existencialmente importante. Por esta razão este trabalho tem por objetivo problematizar a abordagem da morte com crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental a partir da percepção de professoras, pois estas são quem diretamente lidam com as crianças, para responder: como a morte é narrada por professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? Para tanto, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo Estudo de Caso, Multicaso. Ancora-se nos estudos de Ariès (2012), Elias (2001), Torres (1996) e Santomé (2009). Participaram deste estudo quatro professoras de Porto Alegre/RS, duas (1º e 2º anos) de uma escola Municipal as outras duas (2º e 4º ano) de uma Escola Estadual. Foram realizadas entrevistas, semi estruturadas, uma com cada professora. O capítulo analítico, infere para algumas recorrências nas falas das professoras: religião, violência, a reação das crianças frente à morte e a possibilidade de abordar o tema morte no currículo. O que me leva a considerar que certamente não é um tema fácil a ser abordado, também pela cultura de “silenciar” a morte frente às crianças. Por outro lado, trata-se de um tema central da vida humana e por isso, poderia e deveria estar presente também na escola.

**PALAVRAS – CHAVE:** Morte. Criança. Currículo.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2. APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>3. APORTE TEÓRICO .....</b>	<b>9</b>
3. 1. Um panorama geral .....	9
3. 2. A sociedade e a morte .....	10
3. 3. A criança e a morte .....	13
3. 4. Temas Transversais .....	14
<b>4. CAMINHOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>15</b>
4. 1. Das ferramentas .....	16
4. 2. Conhecendo o caminho .....	19
4. 3. Das entrevistas .....	21
4. 3. 1. Professora Ane .....	22
4. 3. 2. Professora Thaís .....	23
4. 3. 3. Professora Graça .....	25
4. 3. 4. Professora Cecília .....	26
<b>5. PERSPECTIVAS INTERESSANTES SOBRE UM TEMA SILENCIADO.....</b>	<b>27</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>37</b>
6. 1. Salvaguarda .....	39
<b>7. REFERENCIAS .....</b>	<b>41</b>
<b>8. APÊNDICES .....</b>	<b>44</b>

## **1. INTRODUÇÃO**

Neste trabalho me proponho a estudar o tema morte, me aprofundando nas questões históricas, que trazem elementos que nos ajudam a compreender como se dava nossa relação com a morte no passado, como ela se dá hoje e a razão para esta relação ter mudado. E ao aproximar este tema à área da educação, problematizo sua abordagem com crianças dos Anos Iniciais, a partir de falas de professoras a respeito deste tema. Sob a perspectiva de que a morte é um assunto próximo, presente em todas as realidades, seja na televisão, em livros ou outros e desta forma pode ser abordado na sala de aula como um tema transversal, perpassando atividades e disciplinas.

Ele está dividido, o trabalho, em sete capítulos; neste, apresento o que constará nos demais. O segundo, denominado de apresentação, relato um pouco sobre a minha relação com a morte e a trajetória que segui até este momento. O seguinte, o terceiro capítulo, está subdividido em quatro seções: Um panorama geral no qual cito alguns trabalhos realizados que abordam a temática da morte; A Sociedade e a Morte, em que apresento brevemente como se construiu esta relação de afastamento e temor da morte em uma perspectiva histórica; A Criança e a Morte, em que discuto como se constrói a compreensão da morte por parte das crianças, em uma perspectiva psicológica; e por fim, Temas Transversais, em que constará a perspectiva de Temas Transversais que adotei. No quarto capítulo discorro sobre os caminhos metodológicos, nele constam os trajetos percorridos para a realização deste estudo, quem são os sujeitos deste estudo: quem são os sujeitos desta pesquisa, os critérios de seleção, os primeiros contatos, como se deu a produção de dados, entre outros. Sigo com as Categorias de Análise, violência, religião e reação das crianças diante da morte e, por fim, as considerações finais, onde delinheiro as principais aprendizagens e significações construídas a partir do estudo

## **2. APRESENTAÇÃO**

Na minha vida, que não é muito longa, sofri poucas perdas, sendo a primeira a do meu avô materno e, posteriormente, em torno de 10 anos, a da minha gata. Nenhuma dessas mortes foi considerada prematura de acordo com a nossa cultura.

A gata era jovem, porém estava doente, tomada pelo câncer, e meu avô já era idoso e, há muitos anos, estava doente. Sinto saudades e guardo boas recordações de ambos; toda vez que ando de balanço, ou ensino uma criança a se balançar, me recordo do meu avô, que foi quem dedicou muito tempo em me levar à pracinha, consertar minhas bonecas entre muitas outras boas lembranças. Já a minha gata foi quem primeiro me deu senso de responsabilidade.

Ambos foram de extrema importância na constituição do sujeito que sou hoje, porém, nenhuma dessas mortes me fez entrar em estado de luto profundo. Contudo, no final do ano passado – 2013 –, durante o período de estágio, perdemos uma colega e, esta sim, foi vista como uma morte prematura.

Nós estávamos na mesma faixa etária e, nos encontros do estágio, ela aparentava boa saúde. Chocou-me quando, ao chegarmos a uma orientação, a professora nos contou que a colega estava no hospital em estado grave. Em um segundo encontro, as notícias eram de melhoras, ela estava reagindo. A última notícia chegou por e-mail. Uma nota de falecimento, enviada pela CONGRAD, Comissão de graduação do Curso de Pedagogia/UFRGS, para toda a comunidade acadêmica do curso de pedagogia. Não éramos amigas, apenas conhecidas, de nos esbarrarmos em corredores e cursar duas ou três disciplinas ao longo do curso.

Mesmo sendo um vínculo assim como o descrito, como me chocou essa notícia. Alguém, jovem como eu, com sonhos, perspectiva de vida... E os familiares? Como deviam estar encarando essa falta? E ainda, próximo das festividades de final de ano.

Para mim, foi difícil “não me colocar no lugar” da falecida, dos familiares e amigos.

Entretanto, não me considero uma pessoa com medo da morte. Tenho mais medo da dor, do sofrimento.

Kovács (1992, p. 16) cita o estudo de Kastenbaum (1983), que divide a morte em dois aspectos: “a morte do outro” e “a própria morte” e essas são subdivididas em três dimensões: “medo de morrer”, em que a pessoa pensa sobre a própria morte e fantasia sobre o como isso irá ocorrer; em muitos casos teme o sofrimento; “medo do que vem após a morte”, relacionado à própria morte, bastante associado a crenças religiosas e “medo da extinção” que é o medo do que vem depois. Depois desta breve abordagem sobre as significações da morte, acredito ficar claro o fato de que, em alguma medida, eu também temo a morte, mas ao mesmo tempo em que tenho este temor, penso na morte como “libertador”, a exemplo do caso do meu avô e da minha gata, os quais tiveram seus sofrimentos interrompidos. Não penso exatamente deste modo quando remeto-me à situação da minha colega, tendo em vista as questões já comentadas antes.

Acredito que as curiosidades referentes à morte estão adormecidas ou despertadas em cada um de nós. Em mim, estava adormecida, sendo despertada ao ler a palavra “Finitude” no nome de um projeto para o qual fui selecionada como bolsista.

Participei do projeto “Finitude, Velhice e Cuidados ao Fim da Vida” por dois anos, lendo diversos textos sobre Cuidados Paliativos (cuidados ao fim da vida).



Havia muitos relatos de casos em que ficava transparente a dificuldade das pessoas, inclusive o profissional da saúde, em lidar com a presença da morte.

Ao pensar neste tema, mais usual na saúde, e tentar relacioná-lo com a educação, surgiram as minhas inquietações: se fala sobre morte com as crianças? É possível falar de morte com elas? Compreendem esse conceito? Existem recursos didáticos? Sendo a morte parte do ciclo da vida e também um possível tema transversal, por que não consta no currículo?

No decorrer deste trabalho responderei a algumas destas perguntas. Para tanto, realizei entrevistas com quatro professoras da rede pública, de duas escolas diferentes. Como meu grande interesse é a presença da morte relacionada ao currículo, optei pelas entrevistas com o intuito de conhecer as perspectivas das professoras, uma vez que estas são as profissionais que diretamente trabalharão com as crianças.

Por fim, pretendo: responder como a morte é narrada por professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? Com o objetivo de problematizar a abordagem da morte com crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental a partir da percepção de professoras..

### **3. APORTE TEÓRICO**

Neste capítulo serão apresentados alguns trabalhos, existentes, relacionados à temática da morte, bem como autores e conceitos-chave que ajudam a compreender por que somos tão distantes e tementes à morte, a ponto de negá-la; como as crianças compreendem o conceito de morte e como abordá-lo, de acordo com a faixa etária e ainda uma breve explanação acerca do conceito de currículo e o como o tema morte poderia estar inserido neste.

#### **3. 1. Um panorama geral**

O tema da morte é bastante abordado na área da saúde, inclusive relacionado às questões curriculares. Há muitos trabalhos (artigos e estudos), de enfermeiras (os) e médicos (as) problematizando o relacionamento de profissionais destas áreas com a morte.

Nos relatos trazidos, muitos não se sentem preparados para lidar com a morte. Em seus currículos acadêmicos, poucas disciplinas abordam a questão de como lidar com os sentimentos despertados por ela, assim como pode se verificar nestas afirmações “[...] é verdadeiro que a morte e o morrer são temas frequentes discutidos pelos profissionais da saúde. Contudo, também é fato que muitas destas discussões estão perpassadas por questões relacionadas à como realizar procedimentos corretos [...]” (AZEREDO *et al.*, 2011, p. 38),

“Os profissionais da saúde são os que mais lutam contra a morte, mas sua formação e sua carreira são marcadas pelo afastamento dela.” (LIMA, s/ano, p. 1).

Com as citações acima fica claro que a temática da morte também se constitui como um “problema” para os profissionais da saúde, que estariam, supostamente, familiarizados com ela. Embora seja uma situação frequente em sua profissão, o tema é comumente silenciado em sua formação e, ao ingressar no mercado de trabalho, os profissionais deverão lidar sozinhos com os sentimentos aos quais são acometidos quando diante da morte.

Se os profissionais da saúde não estão ou não se sentem preparados a lidar com a morte, o que dizer dos profissionais de outras áreas e dos “sujeitos comuns”?

Professores e pedagogos não são profissionais que, frequentemente, teriam suas carreiras marcadas pela presença da morte, contudo, são seres humanos que irão lidar com outros seres humanos e a morte é parte do ciclo da vida. Sendo assim, não estamos livres de enfrentar situações de perda, como indivíduos ou como profissionais.

No que se refere à literatura que relaciona morte e educação, poucos se aventuram.

Ao realizar uma breve revisão de literatura encontrei trabalhos que versavam sobre a compreensão da morte por parte da criança, como é o caso do texto “As crianças e o conceito de morte” (NUNES *et al.*, 1998); a temática do luto enfrentado por crianças e adultos e narrativas de professoras que tiveram de lidar com isso podem ser encontrados em autores como Torres (1999) e Mazorra & Tinoco (2005); e encontrei, também, livros e trabalhos que abordam a literatura infantil como recurso didático para trabalhar as questões da morte. Para os interessados neste tema e/ou que pretendem abordá-lo com crianças, vale destacar que a literatura infantil caracteriza-se como uma forte aliada com inúmeros títulos relacionados. A exemplo desta possibilidade cito trabalhos como ““Né que quando a gente morre, a gente não vira estrela?”: A temática da morte na literatura infantil” (MELO, 2013) e “A arte de falar da morte para crianças” (PAIVA, 2011), os quais proporcionam boas orientações para apoiar os que irão se aventurar no tema da morte com crianças.

Em relação à morte, o conceito de morte e sua trajetória relacionada à como nossa sociedade lida com ela, ou seja, a morte em um contexto mais amplo, na sociologia, na história, há uma literatura mais vasta, escrita por autores considerados clássicos dentro de suas áreas, assim como ARIÈS (2012), ELIAS (2001) e MORRIN (1980).

### **3. 2. A sociedade e a morte**

Adoto aqui a perspectiva referente ao conceito de morte, contudo penso que o professor que irá abordar este tema com as crianças pode introduzi-lo a partir do conceito de “Finitude *no* ciclo da vida”, porque ao longo de toda a nossa vida passamos por situações de término, que nos causam fortes sentimentos de perda, como bem diz Paiva (2011):

“Podem ser vistas como mortes simbólicas as situações de mudança de série, de classe, de professores, de amiguinhos, processos de separação, perdas financeiras... Ainda que tais situações não envolvam uma morte concreta, elas representam perdas que podem eliciar sentimentos semelhantes. São as elaborações dessas pequenas perdas – mortes simbólicas – que vão colaborar para elaboração de perdas maiores – a morte concreta.” (p. 55)

Saber conviver com esses sentimentos pode nos ajudar a aceitar e a compreender a nossa morte, como também, dos entes que nos são queridos.

Porém, deve-se tomar cuidado ao adotar este conceito para não voltarmos ao lugar de onde se tenta sair: a negação de nossa finitude. Ao abordar o fim em um contexto amplo, o educador arrisca dar-se por satisfeito e não abrir espaço para que os alunos possam relatar suas vivências ou curiosidades a respeito do assunto. Elias (2001) diz: “nada é mais característico da atitude atual em relação a morte que a relutância dos adultos diante da familiarização das crianças com os fatos da morte. [...] a dificuldade está em como se fala às crianças sobre a morte, e não no que lhes é dito” (p. 25-26). Os adultos têm medo de falar sobre a morte, nunca o fizeram com eles e ressentem fazê-lo com as crianças de hoje.

Norbert Elias (2001) e Philippe Ariès (2012) são dois autores que se propõem a estudar e investigar a relação dos indivíduos com a morte. Elias discorre sua investigação em uma perspectiva sociológica, trazendo elementos de diversas épocas e nas mais variadas situações; em sua análise relaciona o nosso afastamento da morte devido ao processo de individualização da morte e também a institucionalização da mesma. Por outro lado Ariès, em uma perspectiva histórica, realiza o levantamento de pictografias antigas, textos, testamentos e também túmulos. E em seu livro, “História da Morte no Ocidente” (2012), Ariès analisa estes dados, verificando que nem sempre fomos assim tão distantes e receosos no que diz respeito a morte, mas contudo, o processo de individualização, também citado por Elias (2001), aparece como um fator importante nesta relação.

Elias (2001), em seu livro a “A solidão dos moribundos”, tece fortes críticas ao livro de Ariès (2012). Ele alega que Ariès desconsidera a origem das suas fontes de análise, normalmente documentos produzidos por pessoas abastadas, deixando, assim, de fora uma faixa importante da população, além disso, os indivíduos que dispunham de condições para produzir tais registros, também podiam escolher a forma como a morte seria relatada, sendo

possível omitir a dor e sofrimento que a acompanha. Em virtude disto, Ariès relata a morte, no passado, como sendo tranquila e bem aceita por todos.

Contudo, apesar das divergências há alguns pontos em comum entre estes dois autores: ambos relatam a presença das crianças nos atos fúnebres realizados em tempos antigos. Elias propõem que este silenciamento atual, diante das crianças, se deve também ao fato de que se o adulto, que não sabe lidar com suas angustias e frustrações, for conversar com crianças, sobre o assunto, ele corre sérios riscos de transmitir este sentimento à elas.

Ariès (2012) justifica a mudança em relação à morte pelo fato de que antes era uma morte “domesticada”, bastante presente em todas as fases da vida, mas inserida em um conjunto de normas, rituais, comportamentos sociais, cultura. No processo de individualização da modernidade, a morte se torna uma ameaça absoluta à existência (individual), tornando-se uma morte “selvagem”, sobre a qual não se deve falar. Desta forma, começa a tornar-se um tabu. Valho-me do conceito de Ariès, porém na perspectiva de Elias (2001), pois como dito antes, Ariès coloca a morte como algo fácil para nossos antepassados e Elias contrapõem questionando como em tempos em que a vida era incerta e a morte por violência (guerras) e por doenças eram tão presentes, o indivíduo morreria com a calma e a aceitação proposta por Ariès?

Segundo Elias (2001), esse medo da morte era administrado, amenizado, através de “fantasias coletivas de vida eterna em outro lugar” (p. 44), essa necessidade de “encobrir” a morte remonta de muito antigamente. Os rituais e crenças mudaram, mas suas funções permanecem as mesmas. Essas fantasias coletivas eram e são, conduzidas pelas religiões.

Outro ponto que considero importante colocar se refere a uma citação de Morrin (1980):

As ciências do homem negligenciam sempre a morte. Contentam-se em reconhecer o homem pelo utensílio (Homo faber), pelo cérebro (Homo sapiens) e pela linguagem (Homo loquax). Contudo, a espécie humana e a única para a qual a morte está presente durante a vida, a única que faz acompanhar a morte de ritos fúnebres, a única que crê na sobrevivência ou no renascimento dos mortos. (MORRIN, 1980, p. 13)

Elias (2001) também dialoga neste sentido, ao afirmar que: “Entre as muitas criaturas que morrem na Terra, a morte constitui um problema só para os seres humanos. Embora compartilhem o nascimento, a doença, a juventude, a maturidade, a velhice e a morte com os animais, apenas eles, dentre todos os vivos, sabem que morrerão [...]” (p. 10). Estas duas citações são bastante simbólicas, pois nos permitem refletir que em diversas situações fazemos menção a características que nos assemelham e nos distinguem dos animais e eis aqui uma assertiva que nos distingue, contudo, a única que queremos negar. Ao temer a

morte, tememos o nosso fim e o sofrimento que o fim do outro *nos* inflige, mas este medo não nos estimula a valorizar a vida, o conhecimento da nossa finitude nos conduz em direção a procurar formas de nos eternizar, mas não ao caminho da qualidade de vida.

Cassarola (1992), diz: “A morte começa quando não levamos em conta que a morte existe.” (p. XV), nessa perspectiva ele traz o conceito de “Morte em Vida”, que morremos ainda em vida, ao ignorarmos o sofrimento alheio. E o que proponho aqui, é viver a vida e para isso, que a morte seja trazida a tona, que façamos valer o conhecimento da nossa finitude, não mais escondê-la, ela não é obscena, ela é uma parte importante do ciclo da vida, que por mais que lutemos contra, é inevitável então, que ela sirva para o bem.

### 3.3. A criança e a morte

Para a escrita desta seção realizei uma breve revisão de literatura, não sistemática. Nesta encontrei quatro textos que discorrem acerca da compreensão da criança frente ao conceito de morte. O primeiro texto é o capítulo de livro, escrito por Kovács (1992), o segundo é um artigo escrito por Nunes *et al.*, (1998), o terceiro texto, de Vendrusculo (2005) e, por fim, o quarto texto: um artigo escrito por Salvagni *et al.*, (2013). Nos textos citados, os autores relacionam a compreensão do conceito de morte por parte da criança aos estágios de desenvolvimento cognitivo, propostos por Piaget, fazem, também, menção aos estudos realizados por Torres (1979 e 1988) e, em virtude disto, fui à busca destes estudos.

Para a escrita deste capítulo, obtive acesso à Tese de Doutorado de Torres (1996). Neste, a autora começa escrevendo sobre a literatura encontrada acerca do desenvolvimento do conceito de morte e cita aproximadamente dez pesquisadores que construíram métodos diferentes para averiguar a elaboração do conceito Morte pela criança. As faixas etárias são as mais variadas, tendo sido estudadas crianças de 2 a 16 anos. As idades variavam conforme a pesquisa.

Três conceitos importantes são descritos por Torres (1996) e também citados pelos autores acima. São estes:

**Irreversibilidade** – “[...] refere-se ao entendimento de que uma coisa com vida, quando morre, não pode voltar a viver. [...] a morte como algo final, irrevogável e permanente.” (NUNES *et al.*, 1998, p. 4)

**Não funcionalidade** – “Refere-se à compreensão de que todas as funções definidoras da vida cessam com a morte.” (TORRES, 1996, p. 21)

**Universalidade** – “[...] tem a ver com a compreensão de que todas as coisas vivas morrem, ou seja, de que a morte é um evento inevitável.” (NUNES *et al.*, 1998, p. 4).

Conforme a idade cronológica da criança, estes conceitos são mais ou menos compreendidos pelas crianças “[...] o conceito de morte se solidifica e se amplia com a idade [...]” (TORRES, 1996, p. 25).

Dos estudos citados por Torres (1996), as pesquisas de Nagy (1948, 59), Gartley & Bernasconi (1967) e Melear (1973), apontam que as crianças de 3 a 5 anos possuem “[...] relativa ignorância do significado de morte [...]” (TORRE, 1996, p. 28). A morte é compreendida como reversível e atribui sentimentos e consciência ao morto. Nas idades de 5 a 9 anos a criança já compreende que a morte é irreversível, mas permanecem atribuindo funções biológicas a ela e ainda não compreendem-na como inevitável, embora aceitem-na como possibilidade. A partir dos 9 anos as crianças passam a aceitar a morte como universal, com a cessação completa das atividades biológicas. Percebem a morte como uma possibilidade mais imediata e também associada à violência e, segundo a análise realizada por Torres (1996), “A assimilação completa do conceito de morte só surgiu em torno dos 12 anos [...]” (p. 34)

Importante e interessante é que, segundo a pesquisa de Tallmer et al. (1974) *apud* Torres (1996),

Os resultados apontaram para uma influência da classe social na conceituação da morte. A diferença entre crianças de classe social baixa e média foi significativa. As crianças de classe social baixa revelaram um conceito de morte mais adequado do que as crianças da classe média. (TORRES, 1996, p. 29)

Reforçando a ideia de que se temos fatores recorrentes na realidade da criança que a impulsionam na direção de um enfrentamento direto com a temática da morte, ela passa a ser encarada com uma visão mais racional, mais sólida e isto abre a possibilidade de se tratar deste tema e direcioná-los a estruturação de um conceito não tão estressante e/ou apavorante sobre isto.

### **3. 4. Temas transversais**

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (1997) as áreas dos conhecimentos presentes nos currículos escolares são insuficientes para atender as “[...] finalidades fundamentais de toda intervenção curricular [...] a de preparar os/as alunos/as para serem cidadão/ãs ativos/as [...]” (SANTOMÉ, 2009, p. 159). Por esta razão, foram incorporados aos PCNs (1997) os Temas Transversais. Neste documento fica bastante claro

que estes não são novas áreas de conhecimento nem disciplinas e sim conteúdos que devem ser agregados às áreas/disciplinas já existentes.

É sob esta perspectiva que proponho e questiono a abordagem da morte, um conteúdo que perpassará as diversas disciplinas existentes nos currículos escolares, podendo ser agregada a diferentes conteúdos.

Nos PCNs (1997) diz o seguinte: “Os Temas Transversais correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas na vida cotidiana.” (PCNs, 1997, p. 15), contudo, os conteúdos propostos pelos PCNs (1997): Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde e Orientação Sexual. E a morte? Não faz parte da vida cotidiana?

#### 4. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresentarei as escolas e professoras que contribuíram para a construção desta pesquisa, realizada com o intuito de responder como a finitude no ciclo da vida é narrada por professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? Com o **objetivo** de problematizar a abordagem da morte com crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental a partir da percepção de professoras. Bem como o tipo de abordagem metodológica e os passos que me guiaram por este caminho.

Esta pesquisa configura-se em uma abordagem qualitativa, por ter sido realizada no local onde o fenômeno que investiguei ocorre me permitindo assim ter uma perspectiva integrada “um fenômeno pode ser mais bem compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada.” (GODOY, 1995, p. 21), neste mesmo sentido Bogdan e Biklen (1994) dizem: “Os investigadores qualitativos freqüentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência” (p. 48). Embora eu não tenha realizado observações da atividade docente das educadoras a ida a campo me permitiu certa leitura da expressão corporal das entrevistadas; pude avaliar o quanto pareciam sentir-se a vontade em relação ao tema do meu estudo, em que abordagens aparentavam estarem mais ou menos confortáveis, entre outros. “Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno.” (GODOY, 1995, p. 21). A pesquisa qualitativa também é caracterizada pelo contato com indivíduos com “pontos de vista” diferentes e as análises se voltarem para eles, com todas as suas subjetividades, como bem diz Godoy (1995) “o pesquisador vai a campo buscando ‘captar’ o

fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes” (p. 21), o que também é realizado nesta pesquisa.

A pesquisa qualitativa é composta de vários tipos de pesquisa e aqui utilizo o Estudo de Caso, considerado por Bogdan e Biklen (1994) o tipo mais fácil de ser realizado e também o mais comumente utilizado por pesquisadores iniciantes. Escolhi este tipo em virtude do tempo disponível para a realização do trabalho e também para poder me focar na perspectiva de um grupo restrito, analisando as singularidades de cada grupo e desta forma também avaliar a relevância deste estudo para no futuro desenvolvê-lo em outras direções. Porém este estudo não é um simples Estudo de Caso, é um Estudo de Múltiplo Caso, por eu analisar as respostas de quatro sujeitos, com o intuito de encontrar pontos que os aproximem ou os distanciem, contudo, sem fazer generalizações, estas ficam por conta do leitor “[...] a realidade pode ser vista sob diferentes perspectivas, não havendo uma única que seja a mais verdadeira. Assim são dados vários elementos para que o leitor possa chegar às suas próprias conclusões e decisões [...]” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 34).

Zago (2003) propõem que há diferentes modelos de pesquisa, ao mencionar a existência de um modelo clássico, no qual a problemática é definida previamente, as ferramentas de pesquisa são padronizadas, entre outras características. Portanto, este trabalho foge a este modelo clássico, pois no início da pesquisa eu detinha uma problemática vaga, que foi sendo definida durante as entrevistas e as orientações recebidas na disciplina de Reflexão à prática docente de 6 a 10 anos<sup>3</sup>. As entrevistas realizadas seguiram então o modelo compreensivo e segundo Kaufmann (1996, p. 20) apud Zago (2003), “[...] a entrevista compreensiva inverte as fases da construção do objeto: a pesquisa de campo não é mais uma instância de verificação de uma problemática preestabelecida, mas o ponto de partida desta problematização” (p. 296), nesta mesma direção Bogdan e Biklen (1994) dizem, “Para um investigador qualitativo que planeie elaborar uma teoria sobre seu objeto de estudo, a direção desta só se começa a estabelecer após a recolha dos dados e o passar de tempo com os sujeito.” (p. 50).

#### **4. 1. Das ferramentas**

Por tanto, para realização da coleta de dados utilizei entrevistas que segundo Lüdke & André (1986) “Ao lado da observação, a entrevista representa um dos instrumentos básicos

---

<sup>3</sup> Disciplina obrigatória do oitavo semestre do curso de pedagogia, tem por objetivo orientar as acadêmicas durante a realização do Trabalho de Conclusão de Curso.



para a coleta de dados [...]”, essas duas ferramentas são consideradas fundamentais na elaboração da pesquisa qualitativa.

Optei por entrevistas, pois queria saber o que professoras dos Anos Iniciais pensavam sobre o assunto finitude quando inserido no contexto escolar e “Uma das características da entrevista é assegurar informações em maior profundidade do que poderia garantir um instrumento com questões fechadas.” (ZAGO, 2003, p. 298). Também, através das entrevistas pude problematizar este assunto com as professoras “A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos.” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 34). No momento em que foi passado o assunto do trabalho para as professoras, estas já começaram a refletir e foi perceptível a reflexão delas a cerca do tema no ato da entrevista.

As entrevistas foram realizadas pessoalmente, para que elas me fornecessem respostas espontâneas, em virtude de elas desconhecerem as questões do roteiro de entrevistas; e ocorreram, também, em um encontro individual com cada professora, desta forma elas poderiam sentir-se a vontade em relação as suas respostas e também não serem influenciadas umas pelas outras.

Procurei realizar as entrevistas de modo bastante neutro, no sentido de não influenciar as respostas das entrevistadas. Para tanto utilizei entrevista do tipo semiestruturada, ou seja havia um roteiro de entrevista para me orientar, porém as perguntas foram se alterando e se alternando conforme o andamento da conversa.

As questões foram divididas em três blocos: o primeiro com questões que me permitiam conhecer um pouco a entrevistada, no que se refere ao caráter profissional, e seus imaginários a respeito da morte e sua abordagem com as crianças, as perguntas deste bloco foram:

- *Qual a tua formação?*
- *Qual o tempo de atuação?*
- *Tens alguma religião? Qual?*
- *Na tua formação, alguma vez, foi debatida a possibilidade de abordar o tema morte na sala de aula?*
- *Você acha que isso é um assunto para os seus alunos? Por quê?*
- *Você acha que seus alunos têm/tiveram ou têm tido dúvidas e/ou curiosidades? Tentam, ou já tentaram falar sobre isso em sala de aula? Em que momento? (em caso de resposta negativa: Acredita que o fato de os seus alunos não se manifestarem significa que não pensam sobre?)*
- *Quais as brincadeiras mais comuns entre as crianças?*
- *Nessas brincadeiras é comum a representação de morte e/ou violência envolvendo morte?*

Entre outras questões.

O segundo bloco era composto de três questões que diziam respeito a experiências pessoais com a morte:

- *Você mesma já passou por situação de perda? Como foi essa experiência?*
- *Você já pensou sobre a questão da morte? (se positivo: como isso é para você?)*
- *Você diria que sabe lidar com a morte?*

E por fim, o último bloco com questões relacionadas ao que as professoras pensavam do tema morte/finitude como item curricular:

*- O que você pensa da abordagem do tema morte com crianças dos Anos Iniciais? Em que isso poderia ajudar as crianças?*

*- Sentes falta desse tema no currículo?*

*- Acreditas ser possível a inserção deste tema no currículo?*

Durante as séries de perguntas, algumas eram respondidas mesmo sem serem feitas. Como em determinados momentos as perguntas não eram bem compreendidas (e talvez por isso preenchessem um campo de resposta diferente) fazia o programado no roteiro, independente de achar que já tinha informação suficiente pra preencher determinadas repostas, mas não com intuito de manter uma entrevista fechada, pois assim havia a oportunidade de novas linhas de pensamento da parte das entrevistadas.

A princípio as entrevistas deveriam ser realizadas em dois ou três encontros, porém as professoras me disponibilizaram tempo maior do que o previsto (30 min.) e por esta razão as entrevistas acabaram por tomar ritmo e foi realizado apenas um encontro com cada professora, ou seja, os blocos de perguntas foram feitos todos ao mesmo tempo. O numero de entrevistas me soa precário, porém em virtude do tempo, não apenas para realizar as entrevistas, mas também para transcrevê-las, não foi possível uma segunda ida a campo, porém “Ao adotarmos a entrevista em profundidade, a intenção não é produzir dados quantitativos, e nesse sentido as entrevistas não precisam ser numerosas. Embora eu pense que fosse interessante conhecer também como as professoras passaram a conduzir os seus trabalhos após a problematização.

É importante, também, ressaltar que os dados obtidos na coleta de dados permitem a reflexão acerca da abordagem do tema finitude no âmbito escolar, mas de forma alguma estes dados podem ser generalizados como sendo a opinião de todas as professoras.

#### **4. 2. Conhecendo o caminho**

Para a realização deste trabalho visitei duas escolas, com o intuito de entrevistar quatro professoras, duas de cada escola. Ambas são públicas, uma da rede Municipal (Escola A) e outra da rede Estadual (Escola B). A escolha das mesmas teve como critério dois fatores: a localização e a facilidade de acesso<sup>4</sup>, de acordo com Bogdan e Biklen (1994) “Se a fonte de

---

<sup>4</sup> Refiro-me a facilidade acesso no sentido de já me conhecerem e também a minha propostas de trabalho, "alguns temas e ambientes são difíceis de estudar porque os responsáveis pela respectiva autorização ou os próprios sujeitos são hostis a pessoas estranhas." (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 87.)

dados não lhe for facilmente acessível não lhe será possível entrar e sair, rapidamente, do campo de observação.” (p. 86).

A Escola A localiza-se em uma vila da periferia norte de porto alegre. Tendo, como principais frequentadores, alunos oriundos de classe econômica pouco favorável e que presenciam diariamente cenas de violência e morte. Além deste critério, a escola também se localiza em uma região de fácil acesso para mim.

Já a Escola B localiza-se, também, na Zona Norte, porém em uma região mais central, recebendo alunos de classes econômicas e vivências variadas. Em virtude de sua localização recebe alunos de diversas regiões. Esta escola foi escolhida por ter sido onde realizei meu estágio obrigatório e por esta razão seria prontamente recebida.

Fui, na escola recebida pelas orientadoras educacionais, uma responsável pelos alunos dos Anos Iniciais e outra dos Anos Finais. Conversei com elas, explicando o meu projeto, minha temática e minha abordagem. Em um primeiro momento houve estranheza, mas aceitaram prontamente, acreditando ser um tema importante.

Na Escola B fui recebida com beijos e abraços e assim que falei da minha proposta à orientadora desta escola ela prontamente aceitou, sem que eu terminasse as explicações devidas em relação ao projeto. Esta orientadora já conhecia minha tendência para esta temática, pois no semestre do estágio uma das leituras que realizei para os alunos foi a história de um neto que perde o avô.

Para a seleção das professoras deixei a critério das orientadoras na Escola A e na Escola B. Ao, a orientadora da Escola B, me perguntar o horário que ficaria melhor para eu realizar os encontros ela imediatamente me ofereceu uma lista com o nome de três professoras que estariam com estagiárias e em virtude disso teriam disponibilidade de me atender no horário em que eu poderia ir. Dentre estas três professoras escolhi as duas com quem me senti ter maior afinidade. Dois critérios também foram fundamentais para a indicação e seleção destas professoras: atuarem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e aceitarem participar da pesquisa.

A escolha de escolas públicas deu-se pela facilidade de acesso. Em um primeiro momento a proposta foi entrevistar professoras das redes públicas e particular e também das modalidades EJA (Educação de Jovens e Adultos) e Educação Infantil. Após conversar com meu orientador, que em função do tempo que dispomos para a realização do trabalho, não seria possível tamanha extensão e que em um primeiro momento seria mais interessante

restringir as escolas por localização (mais e menos próximos a zonas de violência) e não por redes.

Em relação ao número de professoras entrevistadas, em princípio era para ser uma professora por escola, contudo acreditei que duas daria mais consistência e possibilidades de análise ao trabalho

Para as análises transcrevi as quatro entrevistas, excluindo, da transcrição, apenas falas que fugiam completamente do contexto do tema estudado. Das transcrições selecionei pontos que recorrentes, mesmo que minimamente semelhantes, das falas das professoras.

Após uma leitura breve das entrevistas, eu e meu orientador, concordamos que foi bastante recorrente três categorias, possíveis, de análise: Religião, violência e a reação das crianças frente a morte. Valendo-me de marcações coloridas, separei trechos das entrevistas nestas três categorias, que mais adiante, compõem as minhas Categorias de Análise.

#### **4. 3. Das entrevistas**

A primeira visita que fiz nas escolas foi para me apresentar e apresentar meu projeto. Por sorte, acredito-me, não tive dificuldade em receber o aceite das escolas e admito que estava ansiosa por este primeiro contato, em virtude do tema, considerado tabu, que me propunha estudar.

Este contato deu-se no dia 13 de março, uma quinta-feira, no turno da manhã. A primeira visita foi às 9h, na Escola A, e eu, bastante nervosa, levava comigo, em uma pasta, o resumo do projeto (APÊNDICE 1) e também os termos de aceite (APÊNDICE 2), para o caso de aceitarem e me indicarem as professoras neste mesmo momento. Apesar de nervosa, estava também bastante otimista.

Nesta primeira visita fui muito bem recebida pelas orientadoras educacionais, que leram o meu projeto, aceitaram prontamente e se encarregaram de encontrar professoras que atendessem ao critério de seleção. Solicitei que, se possível, me dessem uma resposta na semana seguinte para que eu pudesse iniciar as entrevistas na última semana de março ainda.

O contato com a Escola B deu-se no mesmo dia, porém às 11h. Era um dia que eu tinha tempo, pois não tivemos aula no turno da manhã e resolvi aproveitar para fazer este contato com as escolas. Como trabalho no turno da manhã e da tarde, a disponibilidade para fazer os contatos era complicado.

Na Escola B, como dito anteriormente, fui bem recebida e de pronto aceitaram participar do projeto. Neste momento já estava bastante tranquila em função do contato com a

Escola A ter sido bem sucedido. Sai deste encontro com as professoras selecionadas, uma do primeiro ano e outra do segundo e, em virtude, também, do que seria melhor para as professoras. As entrevistas somente teriam início na última semana de março.

Na semana em que aguardava o retorno da Escola A, terminei de elaborar o roteiro de questões, enviei ao meu orientador e também a profa Maria Isabel Dalla Zen<sup>5</sup>, que se propôs a me co-orientar e, assim que recebi o retorno deles, fiz as devidas correções.

Nesta mesma semana, na quarta-feira, me ligaram da Escola A para me informar sobre as professoras que aceitaram participar da pesquisa. Ambas eram do quarto ano e os encontros poderiam ocorrer nas quintas às 15h e somente neste horário. Nas quintas, em função de termos aula no turno da manhã eu trabalhar à tarde, das 13h às 18h30, eu tive que conversar com a minha chefe para que ela me liberasse.

Marquei a primeira entrevista, com a profa Ane<sup>6</sup>, para o dia 25 de março, no turno da tarde, às 16h.

#### **4.3.1. Professora Ane**

Saí do trabalho as 15h25, nervosa para a primeira entrevista, estava insegura sobre qual a forma correta de conduzir a entrevista, mas como diz Zago (2003): “[...] parte considerável da produção da entrevista e do aprendizado que adquirimos sobre sua condução se opera no processo concreto da investigação.” (p. 294)

Ao chegar à escola fui muito bem recebida, como sempre.

Ane encontrava-se na sala dos professores, conversando com outras três profas animadamente. Ao chegar, cumprimentei a todas e Ane me perguntou se eu gostaria de começar. Disse que sim, mas fiquei preocupada, pois eu gostaria de gravar a entrevista e o ambiente estava bastante barulhento devido à conversa de outras profas. Começamos assim mesmo, porém alguns minutos depois o sinal tocou para o intervalo e então ficou inviável.

O pátio onde as crianças até Segundo Ano brincam fica ao lado da sala dos professores, então a sala inundou-se de diversos ruídos devido ao fato de que o horário de intervalo dos alunos condiz com o deles. Decidimos dar continuidade após o término.

Quando fui à escola falar do meu projeto e perguntar se aceitariam participar deixei para cada participante o termo de consentimento e um breve resumo do projeto. Foi

---

<sup>5</sup> Profa. Dra. da UFRGS, de Língua Materna e também orientadora de estágio de 6 a 10 anos, no sétimo semestre do curso. Se ofereceu, no período de estágio, em me co-orientar, me auxiliando na revisão do trabalho.

<sup>6</sup> Os nomes, aqui citados, são fictícios.

interessante que, quando comecei a entrevista, perguntei se havia lido o resumo e apenas nesta pergunta a profa respondeu quase todas as que eu tinha elaborado para o roteiro.

Ela é uma pessoa bastante falante e com bastante opinião a dar; aparenta grande dedicação ao exercício da sua função. É formada em magistério e atualmente cursa Pedagogia, na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), tendo ingressado ainda este ano. No passado iniciou o curso de Letras, com ênfase na Língua Inglesa, mas por razões pessoais não o terminou. Em virtude dessa trajetória acadêmica já leciona a nove anos, sendo seis anos para Anos Finais e Ensino Médio, como professoras de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, e três anos nas Séries Iniciais, como professora alfabetizadora.

Sua orientação religiosa começou com o catolicismo apostólico romano, que era a religião do núcleo familiar durante a infância e adolescência. Trabalhou como catequista e coordenadora de jovens. Porém após a morte de um namorado optou por seguir no Espiritismo.

*Tenho formação familiar católica apostólica romana. Fui catequista e coordenadora do curso de jovens. Após uma morte de um namorado fui mais para o lado dos estudos do espiritismo e atualmente eu vou a missa, tenho a minha Nossa Senhora que eu acendo a vela em casa, eu tenho água benta que a minha mãe me dá pra eu jogar na cama, mas eu também vou tomar o meu passe no centro espírita e também tenho uma “senhorinha” que é da umbanda e reza por mim e pela minha família [...]. Meu lema na religião é: Se vai gastar dinheiro, comprando uma vela e rezando, então reza pro teu bem, não pro mal dos outros [...]. Eu rezo com a minha filha, para dizer obrigado, para agradecer o dia, por que é importante né...? Para agradecer por estarmos vivos, por estarmos com as pessoas que a gente ama [...] (Profa. Ane)*

#### **4. 3. 2. Profa Thaís**

A entrevista com a professora Thaís ocorreu na mesma semana que a da profa Ane, porém na quinta feira (27/03/2014), às 15h.

Neste dia nós tivemos aula no turno da manhã e como a o encontro com a Thaís estava marcado para o meio da tarde e a escola fica longe de onde trabalho, por esta razão, era inviável que fosse trabalhar. Então ao sair da aula fui para casa, almocei e descansei um pouco, para estar bem tranqüila para esta entrevista.

Ao chegar à Escola A fui tão bem recebida quanto na Escola B, talvez até mais. Cumprimentei as orientaras que se mostram muito animadas em me receber, e estas prontamente me apresentaram a Thaís, que aguardava na sala dos professores.

Nesta escola, assim como na outra, a sala dos professores é um espaço com grande movimentação e também é ao lado do pátio e por estas razões não era um ambiente adequado para realizar a entrevista, não apenas pela gravação, mas corríamos o risco de muitas interrupções. Thaís então se ofereceu para encontrar outra sala.

A sala que Thaís encontrou era destinada a tesouraria da escola. Um lugar escuro, com pouca luz, mas silencioso e sem circulação de pessoas. Nesta sala tinha uma mesa, como as das salas de aula e duas cadeiras. Sentamos-nos, uma de frente para outra. Eu peguei meu caderno, onde estavam anotadas as questões, minha lapiseira, para o caso de alguma anotação, meu telefone celular, que eu usava como gravador. Coloquei tudo em cima da mesa e a minha mochila no chão. Thaís colocou uma sacola e uma pasta, que carregava, no espaço restante da mesa e sua bolsa permaneceu em seu colo, com os braços cruzados por cima dela.

Thaís não fala muito alto e nesta ocasião também estava com problema na voz e por isso sua voz saía bem baixa. Eu estava torcendo para que a gravação ficasse boa. Thaís é muito educada e simpática, respondeu a todas as minhas perguntas prontamente e não pareceu se incomodar com a falta de experiência em entrevista.

Ela não teve contato prévio com o resumo do projeto. As orientadoras não fizeram o repasse do resumo, mas ainda assim ela estava por dentro do assunto do meu trabalho e já havia feito algumas reflexões.

Thaís é formada em pedagogia na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), tem pós-graduação em supervisão, mestrado em educação na UFRGS e agora está fazendo doutorado também em educação e na UFRGS.

Leciona há doze anos, tendo sido nove anos em uma escola particular, para Educação Infantil e crianças dos Primeiros e Segundos Anos e há três anos nesta escola pública, para crianças do Quarto Ano. Trocou de escola após passar no concurso do município.

No que se refere à orientação religiosa ela é católica, não praticante, mas já foi.

#### **4.3.3. Professora Graça**

Esta entrevista estava marcada para as 8h da manhã, de uma quarta-feira (09/04/2014). Na realidade ela deveria ocorrer no turno da tarde como as demais, mas em virtude de questões pessoais da professora, ela foi marcada no turno da manhã e como eu não tinha muita disponibilidade neste turno, foi um pouco complicado encontrar um dia que coincidissem ambas estarem livres, em razão disso, a entrevista foi marcada, com uma semana de antecedência, com a orientadora educacional, que ficou de passar a marcação para a



professora e caso esta não estivesse disponível, entraria em contato para encontrarmos outro dia.

A orientadora não me contactou para informar nada, então na quarta-feira fui ao encontro de Graça para realizar a terceira entrevista. Saí de casa em tempo hábil para chegar à escola no horário combinado, porém, em virtude das condições do trânsito acabei me atrasando 45min. Quando percebi que me atrasaria, em um tempo absurdo, liguei para a escola e informei o atraso e pedi que o recado fosse passado à professora que deveria estar me aguardando.

Quando, finalmente, cheguei à escola, perguntei à secretária onde se encontrava a professora Graça, esta não sabia, na realidade, não sabia nem se Graça se encontrava na escola. Procurei então a pessoa com quem eu havia falado ao telefone, pois se ela havia passado o meu recado ou, ao menos, tivesse procurado a profa para passá-lo, deveria saber se Graça estava ou não na escola. Ledo engano, a pessoa com quem eu havia falado também não sabia se a professora se encontrava na escola e pediu que eu esperasse até que ela “chegasse”. Aguardei mais uns minutos até que outra pessoa me perguntou o que eu aguardava, após minha resposta, esta pessoa me informou que Graça estava na sala dos professores, desde o início das aulas (7h45).

Graça estava na sala dos professores, realizando a revisão de um texto para uma amiga. Ela me pediu que eu aguardasse. Aguardei mais uns 15 min. Quando a entrevista finalmente começou já eram 9h10.

Antes de iniciar, oficialmente, a entrevista, Graça me informou que na realidade não se recordava do encontro, lembrava que a orientadora havia passado a informação, mas acabou por esquecer que eu iria lá.

Quando perguntei a respeito do resumo que eu havia entregado às escolas, se ela havia lido me respondeu-me, negativamente, que lembrava, por alto, que a orientadora havia comentado com ela qualquer coisa, que dizia respeito a alguma coisa com morte.

Graça é formada em Pedagogia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com ênfase nas Séries Iniciais<sup>7</sup>, desde 2003. Durante a formação trabalhou como Bolsista de Extensão, atuando em escolas, mas não como docente. Em 2005 prestou concurso

---

<sup>7</sup> Na época em que esta professora se formou o currículo da pedagogia na UFRGS era diferente e as alunas deveriam escolher entre Educação Infantil, Séries Iniciais ou Educação de Jovens e Adultos (EJA), na metade do curso.

para ser professora do estado, passou e assumiu em 2006. Desde então atua como docente, sempre na mesma escola. Atualmente leciona para o primeiro ano, no turno da tarde.

Além de professora, trabalha, também, em uma ONG que produz material de alfabetização e atua como orientadora dos estudos de formação do PACTO (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa).

No que se refere à religião, não tem nenhuma em específico, sua origem familiar era Luterana, mas casou-se na igreja Católica. Porém, em virtude de acontecimentos, que não foram bem vistos por sua família, durante sua infância, entende a religião como uma questão comercial, acreditando na Fé.

#### **4.3.4. Profa Cecília**

Esta entrevista estava marcada para quinta-feira (10/04/2014), o dia seguinte a da professora Graça, às 15h. Então, às 15h em ponto eu cheguei à escola. Como na entrevista anterior, com a profa Thaís, procurei as orientadoras educacionais, para que me apresentassem a professora que eu iria entrevistar.

O combinado era que eu conversasse com a professora Rosa, contudo, esta não se encontrava na escola, na verdade havia informado que faltaria em virtude de problemas de saúde e as orientadoras esqueceram-se de me avisar.

Bastante constrangidas com a situação elas se propuseram a encontrar outra professora com quem eu pudesse conversar. Fiquei um pouco incomodada com esta situação em virtude da ética para com a pessoa que havia se disponibilizado a participar da pesquisa, por outro lado não sabia como contar à minha chefe que havia faltado ao serviço, mas não foi possível realizar a entrevista e que teria que faltar novamente.

Diante do meu dilema, as orientadoras me asseguraram que não haveria problema com a professora Rosa, que ela não ficaria ofendida de forma alguma.

Por fim, acabei por entrevistar a profa Cecília, que leciona no segundo ano.

As orientadoras explicaram, por alto, do que se tratava a minha pesquisa e Cecília aceitou participar.

Esta entrevista ocorreu na sala de vídeo da escola. Um ambiente amplo, iluminado, silencioso e, naquele momento, não acessado por ninguém, o que nos garantia privacidade. Cecília não fez objeção à gravação da entrevista.

Cecília é formada em pedagogia, tem pós-graduação em alfabetização, tudo pela Universidade Federal do Rio do Sul (UFRGS), não fez magistério e leciona há 22 anos, sempre para crianças da primeira série, atual segundo ano.

No que diz respeito à religião, Cecília é batizada na igreja Católica, mas é não praticante

*Eu sou batizada na religião católica, mas não tenho nenhuma religião, não exerço e não gosto também. (Profa. Cecília)*

## 5. PERSPECTIVAS INTERESSANTES SOBRE UM TEMA SILENCIADO

O roteiro de entrevistas foi o mesmo para cada uma das professoras e embora, nas questões, eu abordasse alguns pontos específicos, como a religião, morte, ou representação de morte, por violência, nas falas das professoras esses pontos apareceram naturalmente, mesmo antes de eu fazer a pergunta. Em razão desta recorrência estes aspectos aparecem como integrantes deste grande bloco analítico, bem como a reação das crianças frente à morte, que também aparece nas falas das professoras.

Ao realizar as entrevistas com as professoras percebi que três delas traziam, de alguma forma, em suas falas a negação em realizar um projeto a respeito da morte:

*Sabe que nunca pensei em abordar a temática MORTE, mas eu já fiz alguns trabalhos sobre a temática violência e ai dentre isso, nesse tema maior, a gente discutiu várias coisas, uma delas foi a morte. Mas nunca pensei em fazer um trabalho, um projeto específico para a morte. (Profa. Thaís)*

*Nunca parei pra pensar, vou fazer um projeto sobre a morte. [...] acho que a gente acaba trabalhando isso quando acontece (Profa. Ane.)*

*Claro, tu não vai parar a tua aula e dizer: Bem crianças, hoje a gente vai falar da morte. (Profa. Cecília)*

Penso que essa negação possa ser em virtude de, como bem diz Salvagni *et al.* (2013), “[...] conversar com a criança sobre essa temática implica o adulto deparar-se com sua própria finitude [...] o não falar reflete a dificuldade do próprio adulto em enfrentar a perda.” (p. 52).

Está também não é minha proposta. Minha perspectiva é a de que a finitude/morte fosse abordada, na medida em que as atividades realizadas permitissem, por isso penso esse assunto como tema transversal. Mais adiante na entrevista a professora Thaís diz:

*Eu não preciso iniciar a aula dizendo, “hoje nós vamos falar sobre morte”, ele se atravessa, ele vem assim, meio amarrado com outras temáticas.*

Quer dizer, existe, sim, uma negação em relação a se abordar o tema na sala de aula, ainda mais com crianças, “[...] uma vez que elas estão relacionadas socialmente com a vida, e não com a morte [...]” (SALVAGNI *et al.*, 2013, p. 49), porém no decorrer das entrevistas esta barreira vai caindo e as professoras começam a perceber a presença do tema na vida de seus alunos.

*[...] tu começa a olhar dentro da sala de aula e realmente esse tema é bem presente, não só nos contos de fadas, vários contos de fada a princesa morre, como, também, na expressão dos próprios alunos. (Profa. Ane)*

Já as professoras Thaís e Cecília, em função da realidade de seus alunos, já têm uma visão mais aberta quanto à possibilidade de realização deste trabalho com as crianças. A profa Cecília não traz essa realidade tão marcada nas suas falas, imagino que seja por causa da idade de seus alunos, que variam entre sete e oito anos. Mas nas falas da professora Thaís, em que seus alunos já estão na adolescência e já tem o conceito de morte mais bem definido, é muito marcado os relatos, de morte por violência, vindos dos alunos e é em virtude desta realidade que essas professoras vivem todos os dias, é que acredito, que ao refletirem sobre a minha proposta, passam acreditar ser possível e até mesmo necessário esta abordagem. Neste sentido é muito marcante uma fala da profa Thaís de quando ela se deparou com a realidade de seus alunos:

*Eu: Não por uma questão de formação, mas pela tua própria vida, tu se sente apta a trabalhar esse assunto com as crianças, se sente segura?*

*T: No início foi meio chocante quando eu vim trabalhar nessa realidade, por que tu tinha que falar abertamente com as crianças, questões muito sérias. Isso me chocava, me incomodava um pouco. Eu tinha um pouco de dificuldade. No começo, nossa. Como é que isso...? Como eu vou discutir isso com crianças tão pequenas? Mas depois, tu tem que tomar uma atitude em relação a isso, tu não pode se omitir, eu não me achei nesse direito. Então eu comecei a enfrentar isso muito rapidamente, de frente [...] E hoje eu me sinto bem mais tranquila e falo muito sobre isso, com os meus alunos. Hoje eu me sinto segura, mas no começo me causou uma estranheza. Foi difícil de eu aceitar a necessidade de falar nua e cruamente, coisas muito sérias. Por que os relatos deles não são assim, morreu, são “Bah, sora. O cérebro dele saiu, as tripa dele saiu pra fora.” Então os relatos eram muito pesados, então pra mim era muito chocante ter que partir dessas coisa e discutir com eles e eu me dei conta que se existe alguém que não pode se furtar desse debate sou eu, sou eu que tenho que tencionar isso com eles. E hoje não tem nenhum problema e a gente discute e o que eles perguntam eu respondo, por que é o meu trabalho, é formação.*

*[...]*

*Eu: Tu dirias que sabe lidar com a morte?*

*T: Hoje sim, acho que tive que aprender na marra. (Profa. Thaís)*

Penso nessa fala como importante de ser refletida, pois mostra a transitoriedade do pensamento da professora, ela não queria ter que falar sobre morte com as criança, ainda mais morte por violência, que não é natural, mas ela sentiu que era seu dever falar a respeito, a final, muitos são os que se omitem, em razão da dificuldade de o próprio adulto não saber lidar com seus sentimentos, como dito antes. Como bem diz Paiva (2011):

“[...] a escola em seu comprometimento com a educação questiona, muitas vezes, assumir tarefas e papéis que antes não eram de sua competência, mas sim da família. No entanto, nos dias atuais a criança vai mais nova para a escola e passa, praticamente, a maior parte de seu tempo lá. Conseqüentemente, os profissionais de educação se deparam com tarefas para as quais não se sentem preparados, enquanto as famílias, muitas vezes omitem-se, deixando essa responsabilidade a cargo dos educadores.” (p. 56)

Neste sentido, de as professoras de periferia adotarem como suas a função de falar sobre temas difíceis, é que trago também uma fala da professora Cecília:

*Eu: É nessa perspectiva que eu penso a temática da morte, às vezes as famílias não abrem espaço para as crianças tirarem as suas dúvidas e eu penso que de repente a escola seja esse lugar, já que a escola cumpri tantos papéis.*

*C: Principalmente nós, aqui nas periferias. Aqui a nossa responsabilidade é muito maior. Eu não penso mais que o nosso trabalho é só fazer a instrução, que a educação vem de casa, errado, eu não concordo com isso. Faz parte da nossa ação aqui dentro, educar para a cidadania, não é que as famílias não querem, mas é que eles não tem esse conhecimento, esse esclarecimento. Então sim, faz parte do nosso trabalho educar, para ter bons hábitos, boas vivências, aprender a conviver. Isso a criança não aprende sozinha, a gente tem que ensinar [...], a gente tem todos esses temas, mesmo os que são mais tabus, que são mais do interior da família. A gente tem que trabalhar na escola sim, por que talvez não tenha outro lugar. Ou tenha, mas que faz uma abordagem totalmente errada, [...], a escola tem que quebrar com isso, isso são verdades, que são dadas como únicas e a escola talvez seja um lugar onde possa dialogar com os vários pontos de vista, para a criança tirar as suas dúvidas e chegar as suas próprias. Já que não existe uma verdade absoluta, tem que pensar, ouvir os outros. É complicado e eu vejo que a escola é o único lugar onde a gente possa fazer esse fórum, desde pequeno. Sobre esse assunto e outros tantos. (Profa. Cecília)*

Em um relato da profa. Ane, de quando ela lecionava para o Ensino Médio, de dois alunos que faleceram no período letivo, um foi por causas naturais e o outro foi por violência e ambos os casos a escola optou por se omitir sobre o assunto e quando perguntei à professora sobre esta decisão da escola ela me respondeu:

*Acho também pra não ficar aquela questão da violência, de daqui a pouco gerar mais violência, dos amigos se revoltarem, da comunidade, por que era uma comunidade, a pessoas que reagiu, que matou era da comunidade, os alunos eram da comunidade, então não foi citado. (Profa. Ane)*

Eu não concordo com a atitude tomada por esta escola, pois como bem diz Santomé (2009), “[...] o conhecimento dessas injustiças é imprescindível para gerar solidariedade capaz de corrigir as desigualdades e injustiças que são causa desses conflitos” (p. 164). Para dar fim às mortes por violência é importante que se fale sobre o assunto, que se reflita sobre estas mortes e por isso penso serem importantes as falas das profas Thaís e Cecília, pois elas aceitaram esta tarefa, que sim, faz parte da atuação das professoras e professores do nosso tempo. Além disso, conforme diz Salvagni *et al.* (2013) não falar da morte com as crianças, principalmente em situações que esta ocorreu, pode inibir dúvidas e questionamentos, fazer com que as crianças não manifestem seu sentimentos. E na adolescência, em que a opinião do outro é tão significativa, é importante que se abra espaço para os alunos demonstrarem como

se sentem, em ambiente seguro e livre de preconceitos, caso contrário, o silêncio, a falta de respeito e compreensão, de colegas e professores, pode prejudicar o processo de luto desse indivíduo, tendo dificuldades de elaborar perdas futuras.

Por esta razão é tão importante um espaço aberto para se poder dialogar, em que as crianças possam expressar suas dúvidas e curiosidades, que as falas delas sejam o estopim para iniciar o diálogo “As próprias palavras da criança podem ser um facilitador, permitindo que se estabeleça um diálogo e que se formulem questões junto a ela. Deixar a criança dar o tom e estabelecer o ritmo da conversa parece a maneira mais apropriada de abordar esse tema” (SALAVAGNI *et al.*, 2013, p. 53). Neste sentido as professoras parecem estar no caminho certo para a realização do trabalho a cerca da morte. Quando questionadas sobre de que forma lidariam com esse tema junto as crianças, houve uma recorrência na fala das professoras, mesmo nas das que os alunos não trazem muito a questão da morte. Foi unânime começar o trabalho a partir das falas das crianças e isso fica bastante claro na falas das professoras Thaís, Graça e Cecília.

*[...] sempre que esse assunto surge, eu costumo partir para um debate em sala.  
(Profa. Thaís)*

*Eu: E tu acha que tem recursos para fazer esse tipo de trabalho?*

*G: Olha, dentro dessas concepções que eu disse. Considerar o que as crianças sabem sobre isso. (Profa. Graça)*

*Então eu acho que a primeira coisa a fazer é ouvir, ouvir a criança, qual a ilusão, ilusão não, a noção que ela tem da morte. (Profa. Cecília)*

Mesmo que seja fundamental este trabalho partir dos conhecimentos das crianças, ele não é suficiente. São necessários outros recursos que dêem consistência ao trabalho, tais como a Literatura Infantil e/ou profissionais de outra área como, por exemplo, da saúde, alguém mais familiarizado com a temática, “[...] é necessário que se tenha preparo para dialogar com uma criança acerca do tema [...]” (SALVAGNI *et al.*, 2013, p. 53.). As professoras entrevistadas também apontam estas possibilidades, caso fossem realizar este trabalho nas salas de aula.

*Se houvesse um desejo de saber mais sobre a morte, bom, a gente até poderia convidar uma psicóloga, ou alguém para falar sobre isso com as crianças. [...] Eu sempre gosto de trazer pessoas para conversar, pra não ficar só eu, por que daí vai ser uma visão só. Eu sempre gosto de envolver outras pessoas, ou enfim, um familiar que tenha passado pela situação, que queira fala. (Profa. Graça)*

*Ou até uma história, que o final subentendido seja a morte [...] (Profa. Cecília)*

Embora as professoras saibam e reconheçam o benefício de se fazer um trabalho voltado para este tema e que sim, há maneiras e recursos para fazê-lo, a questão de como lidar com as famílias aparece como uma razão para que o mesmo não seja feito e Paiva (2011) diz: “Não se deve esquecer a responsabilidade da família na formação integral da criança. Por isso, escola e família devem caminhar juntas para melhor desempenharem seus papéis.” (p. 56). As famílias não deveriam ser vistas como um empecilho para se falar de temas complicados e sim como aliados. No que diz respeito a essa temática, é de extrema importância a participação das famílias, “A comunidade intrafamiliar é vital no curso do processo de luto infantil, uma vez que a elaboração do luto pela criança é fortemente influenciada pelo que e como os responsáveis conversam com ela, pela maneira como lidam com suas expressões emocionais.” (SALVAGNI *et al.*, 2013, p. 53). A professora Cecília coloca, inicialmente, que abordagem do tema morte deveria se dar no seio familiar,

*C: [...] essa questão da morte é uma coisa muito familiar, que é daquele âmbito, não sei se é uma coisa que seria necessário trabalhar na escola. (Profa. Cecília)*

Porém como bem coloca Salvagni *et al.* (2013), os professores, “profissionais da educação” são “facilitadores da reflexão sobre diversos temas, incluindo este.” (p. 49). E eu penso, em concordância com Paiva (2011), que:

“Partindo do pressuposto de que a escola é um espaço de formação de cidadãos conscientes, críticos e preparados para vida, não deveriam também ser um espaço em que se repensassem todos os aspectos constitutivos da vida e da morte?

Se a escola é um espaço onde se discutem tanto questões cotidianas da ética e cidadania, questionando a violência... não seria esse um espaço também para falar da morte?”(p. 55).

A questão da religião também é vista como um empecilho para a realização do diálogo sobre a morte, em virtude de cada um ter a sua e normalmente tomar seus dogmas como verdades únicas. Nem todas as famílias pensam assim, mas para aquelas que pensam, caso a professora diga algo que abale estas crenças, muitas complicações podem ocorrer. E na escola



pública é comum a grande variedade de religiões e a professora não pode tomar partido de nenhuma, independente da sua, também em razão de morarmos em um país laico. Embora não seja possível a total imparcialidade, é importante que para manter uma conversa a respeito da morte as professoras mantenham o máximo de neutralidade, deixando que as crianças exponham suas crenças, das suas famílias e que se abra espaço para que elas busquem saber mais de outras religiões, se assim for de sua vontade.

No caso das professoras entrevistadas elas parecem estar em vantagem, pois, duas afirmam ter religião, ou crença, mas não são praticantes e as outras duas acreditam em fé e em espírito, mas não se consideram religiosas e inclusive demonstram certa aversão no que diz respeito a este assunto. Contudo, isto pode acabar caracterizando-se, também, como um problema. Nas nossas falas, mesmo que não seja a intenção, transmitimos muito de nossas crenças e isso inclui o ateísmo, se esta for a crença daquele que fala.

Porém, as professoras entrevistadas parecem sair-se bem neste quesito, ou parecem abertas a realizar um trabalho bastante neutro, caso venham abordar o tema morte, respeitando as crenças de cada aluno.

*Eu: E se tu tivesses que abordar esse tema com as crianças, como tu lidaria com a religião delas?*

*G: Eu acho que cada pessoa, ela tem o direito de viver dentro das suas crenças e aí entra a questão da fé dessa pessoa. Eu acho que a fé extrapola a religião. É muito maior que a religião. Mas a religião é um lugar, um grupo, onde as pessoas se encontram para seguir alguns dogmas, umas linhas. Por que as pessoas lá estão meio perdidas, meio soltas na vida e lá é um lugar de acolhimento. Então eu acho que tudo tem que ser muito respeitado. Eu procuro saber. Procuraria como lida com a morte cada religião [...]. (Profa. Graça)*

*Eu sempre parto do princípio que a religião é um canal que as pessoas encontram com a espiritualidade e eu tenho grande facilidade de lidar com a diversidade que isso é dentro da sala de aula. (Profa. Thaís)*

Porém a questão da religião também aparece como um problema, como um empecilho para que o tema morte seja abordado na sala de aula. Este discurso se faz presente principalmente na fala da professora Graça, que coloca a questão religiosa como principal motivo para o silenciamento deste tema nas salas de aula, se não o único.

*Acho que essa questão religiosa coloca a morte como uma espécie de tabu, não se fala muito, não se discute muito, por que entra o aspecto religioso, que dizem que a pessoa morre e reencarna. Outras religiões não aceitam isso e os próprios rituais, por que cada segmento religioso tem um ritual, que trata das questões da morte, então isso não é muito claro. E pra nós, educadores, outras pessoas, fica tudo uma coisa meio mística e não se fala muito no assunto. (Profa. Graça)*

A professora Ane coloca essa questão da religião como um ponto que dificulta a realização deste diálogo, mas não como determinante.

*[...] ó eu respeito a religião, mas até isso, como que tu vai tocar. Como tu bem colocaste, nós temos todas as religiões na rede pública. Aqui na escola nós temos várias religiões dentro da sala de aula [...] (Profa. Ane)*

É muito importante lembrar que ao abordar temas considerados tabus, estes tendem a receber maior atenção por parte dos pais. As crianças têm entendimentos diferentes acerca dos assuntos abordados em aula e desta forma é necessário que o professor esteja bastante atento para o como irá conduzir o diálogo para que quando as crianças conversarem com seus responsáveis sobre ele não soe ofensivo.

Posicionando-me em relação ao que dificulta a abordagem deste tema, concordo e discordo com as professoras citadas. A questão da religião, sim, dificulta a abordagem deste, mas não se trata de levar “verdades” para as crianças e sim de se abrir um espaço para o diálogo deste tema, em que todos coloquem suas dúvidas e crenças para serem debatidas e desta forma as crianças, enquanto sujeitos, formem sua própria opinião. Na pedagogia defende-se muito a autonomia da criança e penso que ela poder escolher de que forma gostaria de enfrentar a morte e os sentimentos de perda, de modo geral, faz parte de ser um sujeito autônomo. Aqui cabe uma citação de Santomé (2009) que diz: “Uma forma de preparar as novas gerações para a vida e para *sobreviver* (grifo do autor) é informando-se claramente das peculiaridades do mundo no qual lhes toca viver.” (p. 164).

Como já dito, as famílias não devem ser um empecilho. Se convidadas para dialogar junto, não serão um problema, além de poderem crescer no trabalho da professora e também aprenderem mais.

Em alguns momentos, durante as entrevistas professoras colocam que não veriam problema nenhum em abordar o tema da morte, caso o percebessem presente na sala de aula.

*Esse tema, na escola particular, não era tão freqüente quanto aqui [...] Aqui essa questão é muito presente na vida das crianças e eu já presenciei vários momentos em sala de aula em que esse assunto acaba vindo à tona, muito em questão da violência da comunidade. (Profa. Thaís)*

*Está sendo um assunto pros meus alunos. Este ano está sendo, em função de a mãe de uma das minhas alunas já ter (Profa. Ane)*

*[...] é um assunto que não se traz pra discussão, só se fala quando surge alguma coisa, quando alguém traz o tema. (Profa. Graça)*

*[...]Eu: E tu acha que isso poderia ser um tema para os teus alunos?*

*C: Boa pergunta. Olha, no momento, eu nunca tinha pensado em trabalhar sobre, assim formalmente, antecipadamente. Se o assunto surgir será trabalhado, com certeza. (Profa. Cecília)*

Na fala da professora Thaís percebe-se que ela sente a presença do tema morte, pois ele está presente na fala dos seus alunos todos os dias, em vários momentos da aula, em virtude da comunidade de origem das crianças. A professora Ane, por ter uma aluna que perdeu a mãe em um período razoavelmente recente (aproximadamente 1 ano), acredita que neste ano é um assunto para abordar com as crianças. Já as professoras Graça e Cecília dizem que caso o assunto surja elas o abordarão. Essas falas fazem com que eu me pergunte: o que é o tema surgir?

No meu período de estágio, lembro de em alguma aula, alguém ter me dito que deveríamos procurar abordar temas que fossem do interesse das crianças. Partindo desse princípio, compreendo o que é o “assunto surgir”, é as crianças trazerem-no a tona, como no caso das profas Thaís e Ane. Contudo, volto a não compreender o que é o “assunto surgir”, no momento em que não faz parte do critério de seleção dos conteúdos curriculares atender aos assuntos que as crianças trazem e desta forma, temas como o sete e o vinte de setembro, meios de transporte, bairro e outros, que não são trazidos pelas crianças, são empurrados “goela a baixo”. Não quero dizer com isso que se deve forçar a abordagem do tema morte. Os conteúdos que citei, em alguma medida fazem parte do dia-a-dia das crianças e é importante que elas os conheçam para poder viver no meio social.

Ao contrário do que dizem as professoras, eu penso que o tema morte não surge, por que ele está “ali” o tempo todo. As crianças assistem à televisão e a morte está no desenho animado, na novela, no jornal... As crianças entretêm-se com jogos de videogame e, mais uma

vez, a morte está “ali” “espreitando de longe”. E enquanto pais e professores silenciam esse assunto, para não magoar, entristecer ou seja lá qual for a razão que os adultos usem para não falar sobre o assunto, a mídia esta falando e não de uma forma positiva. “Assistindo a qualquer meio de comunicação de massas, podemos constatar que existem muitas zonas de guerra na atualidade, lugares onde existem guerras civis, insurreições e disputas de fronteiras que afetam seriamente a infância. Entretanto, tais problemas não existem quando lemos a maioria dos livros didáticos.” (SANTOMÉ, 2009, p. 164.). Ela vem principalmente através da violência e, quando não é assim, são os desenhos absurdamente fantasiosos em que se cai de um penhasco e não se morre. Isso contribui para reforçar a ideia de imortalidade, mostrando uma irrealdade do que é a morte, “[...] as fortes imagens e cenas de morte nos programas e desenhos infantis deveriam ter uma forma mais adequada de apresentação, com mais discussões e menos banalização sobre o tema.” (SALVAGNI *et al*, 2013, p. 50)

*Isso tá muito presente na vida deles. Basta ligar a televisão e é só homicídios e maus tratos e ai parece que banaliza um pouco. Isso é ruim, por que eles são crianças e isso já tá entrando na cabeça deles, é uma coisa normal. (Profa. Cecília)*

*Isso me choca muito. Aqui as crianças de seis, sete anos têm acesso liberado a todos os programas da televisão e em todos os horários. Não todas. A gente nunca pode generalizar, mas eles assistem direto [...] eles vêem filmes bastante violentos e eles tem uma curiosidade, eles vêem muito. (Profa. Thaís)*

Caso as professoras ainda achem que o tema não se faz presente, posso citar o dia 2 de novembro, dia de finados, em que as crianças comemoram nas salas de aula por ser feriado, mas desconhecem a razão de não terem aula neste dia.

Em relação às reações das crianças frente a morte as professoras dizem não perceber dúvidas ou curiosidades a respeito deste tema, o que me parece razoável, frente a cultura de silenciar este assunto. Salvo os alunos da professora Thaís que, segundo suas falas, não manifestam dúvidas, mas é um assunto bastante corriqueiro na sala de aula, principalmente em razão da realidade deles. Em determinado momento da entrevista a professora utiliza a palavra naturalidade, para descrever o como as crianças reagem frente a este tema e diz acreditar que de certa forma é positivo, pois é assim que fazem para lidar com isso, com a violência e a morte não natural.

No decorrer das entrevistas, como já dito, a perspectiva das professoras a respeito da possibilidade de abordar a morte com os seus alunos muda e, ao fim do roteiro de entrevista

uma das perguntas é: Tu dirias que sente falta desse tema no currículo? Esta pergunta não foi bem formulada, pois como bem disse a profa Ane:

*[...] se tu nunca trabalhou, tu não sente falta. A gente não sente falta daquilo que a gente nunca teve [...]*

Ainda assim a idéia da pergunta foi compreendida.

Ao iniciar a resposta desta pergunta as professoras parecem contrárias a inserção deste tema no currículo, alegando não ser necessário, que conforme a demanda ele será abordado, mas durante a construção dessa linha de raciocínio essa opinião vai mudando, por se darem conta que, infelizmente, alguns temas, se o professor não for obrigado, não serão abordados.

*Não sei se seria necessário colocar isso no currículo, mas... É... Não sei. Eu sei que tem... as vezes quando a coisa não ta no papel, a coisa não existe, mas ai vai um pouco de cada professor, de... (Profa. Thaís)*

Essa fala da profa Thaís foi exatamente assim, enquanto ela formulava o que ia dizer, para argumentar a favor da falta de necessidade de inserção deste tema no currículo, parecia que outras idéias surgiam e a contradiziam, e ela acaba por aceitar que, infelizmente, é preciso estar escrito em algum lugar, como uma regra, para que o trabalho seja feito.

Ao falarmos de currículo é importante não esquecermos que este diz respeito a relações de poder, pois o currículo tem um papel fundamental na constituição do sujeito, “[...] o currículo pode ser visto como um discurso que, ao corporificar narrativas particularidades sobre o indivíduo e a sociedade nos constitui como sujeitos [...]” (SILVA, 2009, p. 195). Por esta razão é que se deve refletir e constantemente nos questionarmos sobre os conteúdos que compõem os currículos.

Gostaria, enfim, de encerrar este capítulo com uma citação de Santomé (2009) “O ensino e aprendizagem que ocorrem nas salas de aula representam uma das maneiras de construir significados, reforçar e confrontar interesses sociais, formas de poder, de experiência, que têm sempre um significado cultural e político.” (p. 166)

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Muitos outros pontos poderiam ainda ser analisados, contudo não caberiam no espaço restrito de que disponho. Portanto, dei ênfase aos pontos que pareceram mais marcantes ao problematizar este tema com as professoras.

Importante salientar que aqui foram analisados dados produzidos por um número bastante restrito de sujeitos e que, de forma alguma, as respostas destas professoras podem ser generalizadas, sequer como opinião da maioria das docentes do município de Porto Alegre/RS. Além de que, não é função da pesquisa qualitativa produzir verdades e neste trabalho a utilizo como um convite a refletir sobre a possibilidade de abordar o tema morte na sala de aula.

As professoras colocaram que trabalhariam o assunto morte caso ele surgisse. Elas se referem a ocorrência de uma morte concreta, que de fato aflore os sentimentos de perda dos alunos. Eu, por outro lado, penso que se esperarmos que aconteça, quando acontecer, não saberemos de que forma proceder e serão dois problemas: falar sobre um assunto que não se quer e ter que aprender a falar sobre ele e “Não se trata de evitar o tema e sim, de trazê-lo para uma dimensão que possa ser assimilada pela criança, de acordo com o seu nível de desenvolvimento.” (KOVÁCS, 1992, p. 55).

Também é parte da ação docente falar de diferentes temas com as crianças e, entre eles, estão os temas difíceis e considerados tabus e o professor não é o único adulto que silencia esses assuntos, os responsáveis também e acaba que um “joga” a responsabilidade, para o outro e ninguém fala sobre os temas tabus. Como bem coloca Azevedo (2003):

É muito bom quando a criança consegue se identificar com um adulto e descobrir, surpresa: ‘Puxa, ele é igual a mim! Ele também fica confuso, tem medo e não sabe direito! Ele também se emociona e chora!’. Para a formação das crianças é essencial que surjam espaços de compartilhamento com os adultos. (p. 59).

Ariès (2012) utiliza os termos Morte Domada e Morte Selvagem e Elias (2001) utiliza Morte Institucionalizada, para se referir aos tipos de morte existentes, mas penso que no momento atual em que vivemos cabe, também, pensarmos na morte banalizada, que é essa representada nas mídias e não problematizadas, “[...] a morte é banalizada pelas agências de notícias, que reproduzem situações trágicas e sanguinárias, dando a ideia de que este evento seria um espetáculo.” (SALVAGNI *et al.*, 2013, p. 50)

Muitas foram as pessoas que me questionaram e tentaram me dissuadir do tema que escolhi para escrever este trabalho. Já estudo sobre esse tema há pelo menos 1 ano e meio e neste tempo, em nenhum momento, fiquei triste ou me senti mórbida por refletir e problematizar esse tema com as pessoas. Ao contrário. Penso que depois dele aprendi a aproveitar mais a vida, a aceitar a adversidade. Gostaria então de encerrar com uma citação de Azevedo (2003) que fortalece este meu pensar: “Isso nada tem a ver com depressão, morbidez ou falta de esperança. Ao contrário, a morte pode ser vista, e é isso que ela é, como uma referência concreta e fundamental para a construção do significado da vida.” (p. 58).

## **6. 1. Salva Guarda**

Quando se fala de um tema considerado tabu, é comum que as pessoas questionem formas de como abordar este tema e por está razão optei por, com a licença do meu leitor, escrever este breve capítulo, com duas sugestões de como iniciar um trabalho a respeito deste tema. Sei que está não é a proposta deste trabalho, mas penso que se faz necessário.

Nenhuma das duas propostas foram pensadas para abordar este tema, porém acredito que se adaptado pode dar um bom retorno ao professor.

Para iniciar qualquer trabalho em sala de aula, é importante averiguar o que os educandos conhecem a respeito do tema a ser abordado/estudado.

Como já dito antes, a proposta deste trabalho não é que as professoras criem projetos para desenvolver, especificamente, o tema morte com as crianças, mas que estas reflitam sobre as situações em que este aparece e ele tenha a atenção devida. Porém, penso que há casos em que seria bastante relevante um trabalho elaborado a fazer as crianças refletirem a respeito da morte e as conotações destas, relacionada ao tipo de morte, como é o caso da turma da profa Thaís e de um modo geral os alunos da Escola A. São crianças que tem a vivência da morte muito próxima, porém de forma banalizada. Essas crianças vivem em um meio onde muitas vezes a solução de um problema é a morte, principalmente a do outro.

Neste caso, talvez um trabalho a respeito dos significados que a morte pode assumir para cada pessoa, relacionado ao tipo de morte pode acabar por ser interessante. Ao invés de partir-se da violência, começar do resultado da violência, mudar a abordagem e ver os resultados.

Para realizar um trabalho a este respeito, há duas propostas que penso serem bastante interessantes.

A primeira é o projeto elaborado por Andrade (2011) O foco da autora é trabalhar o tema Orientação Sexual e para conhecer as dúvidas das crianças ela propõem a “Caixa de Dúvidas”, em se a crianças tiver alguma curiosidade a respeito deste tema, ela o escreve em um papel e deposita nas caixa e isso pode ser feito em qualquer momento e a pergunta pode ser anônima e isso possibilita ao professor conhecer os questionamentos das crianças e estabelece um parâmetro de até onde pode explorar o assunto. Por esta mesma razão penso que esta proposta pode ser validade para abordar o tema morte e além disso, caso a criança sinta algum constrangimento de compartilhá-lo no grande grupo, saberá que se depositar na caixa sua dúvida será respondida e sua identidade respeitada.

E a outra atividade que penso que é interessante, é semelhante a esta e foi proposta por uma colega, durante uma semana de observação do sexto semestre e consiste em boneco, nomeado pelos alunos dela como “Papa-medos”. Após motivação prévia, as crianças devem escrever em um papel os seus medos e depositá-los na boca do “Papa-sonhos”. Dessa forma, ao fim da aula a professora pode recolher estes escritos e a partir deles surgirão os temas e conteúdos a serem abordados e explorados pelo educador.

No relato desta colega, vários, foram os alunos que escreveram, de alguma forma, o medo da morte, fosse da própria morte ou de alguém próximo.

E por fim, não é uma proposta, mas sim uma sugestão de onde encontrar recursos literários, é o trabalho de Paiva (2011), em que ela seleciona diversos livros infantis a respeito da morte os separa por abordagem, morte na velhice, morte de animal doméstico, entre outros.



## 7. REFERENCIAS

ANDRADE, Sandra. **Sexualidade na sala de aula: isso entra no planejamento?** *In.*: XAVIER, Maria Luisa M. e DALLA ZEN, Maria Isabel H. (orgs.). Planejamento em destaque: Análises menos convencionais. Porto Alegre: Mediação, 2011, p. 99 – 107.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente.** Trad. SIQUEIRA, Priscila Viana de. Rio de Janeiro: Nova Era, 2012.

AZEREDO, Nára Selaimen G. *et al.* **O Enfrentamento da Morte e do Morrer na Formação de Acadêmicos de Medicina.** *In.*: Revista Brasileira de Educação Médica. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/81182>>. Acessado em: 04 mar. 2014.

AZEVEDO, Ricardo. **Contos de Enganar a Morte.** São Paulo: Ática, 2003.

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética.** Brasília: MEC/SEF, 1997, p. 146.

CASSAROLA, Roosevelt Moisés Smeke. **Prefácio.** *In.*: KOVÁCS, Maria Júlia (Coord.). Morte e desenvolvimento humano. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992, p. XVI – XIX.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos seguido de “Envelhecer e Morrer”.** Trad. DENTZIEN, Plínio. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais.** *In.*: Revista de administração de empresas. São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29 Mai./Jun. 1995. Disponível em: <[http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590\\_S0034-75901995000300004.pdf](http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_S0034-75901995000300004.pdf)>. Acesso em: 21 abril 2014.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Medo da Morte.** *In.*: KOVÁCS, Maria Júlia (Coord.). Morte e desenvolvimento humano. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992, 15 – 28.

KOVÁCS, Maria Júlia. **A morte no processo de desenvolvimento humano. A criança e o adolescente diante da morte.** *In.*: KOVÁCS, Maria Júlia (Coord.). Morte e desenvolvimento humano. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992, 49 – 58.

LIMA, Jorge Luiz. **Morte e Morrer: A importância do estudo da morte para profissionais de enfermagem.** Disponível em: <<http://www.professores.uff.br/jorge/morte.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2014.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A.. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1996.

MAZORRA, Luciana e TINOCO, Valéria (Orgs.). **Luto na Infância: Intervenções psicológicas em diferentes Contextos.** Campinas, SP: Editora Livro Pleno, 2005.

MELO, Jaciara Lara. “Né que quando a gente morre, a gente não vira estrela?”: **A temática da morte na literatura infantil.** 2013 Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/88138>>. Acessado em: 17 mar. 2014.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte.** Mem Martins: Publicações Europa-América, 1980.

NUNES, Deise Cardoso *et al.*. **As crianças e o conceito de morte.** *In:* Psicologia: reflexão e crítica. Porto Alegre. Vol. 11, n. 3, 1998, p. 579-590. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25652/000124691.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 04 mar. 2014.

PAIVA, Lucélia Elizabeth. **A arte de falar da morte com crianças: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores.** São Paulo: Idéias e Letras, 2011.

SALVAGNI, Adelise *et al.*. **Reflexões acerca da abordagem da morte com crianças.** *In:* Mudanças – Psicologia da Saúde, 21(2), Jul.-Dez., 2013, p. 48-55. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/download/4070/3715>>. Acesso em: 30 abril 2014.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Culturas negadas e silenciadas no currículo.** *In:* SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 159 – 177.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo e identidade social: territórios contestados.** *In:* SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Editora Vozes, 2009, p. 190 – 207.

TORRES, Wilma da Costa. **O desenvolvimento cognitivo e a aquisição do conceito de morte em crianças de diferentes condições sócio-experenciais.** Campinas, 1996.

TORRES, Wilma da Costa. **A criança diante da morte. Desafios.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

ZAGO, Nadir. **A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa.** *In:* ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; e VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs.). Itinerários de pesquisa: Perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

## 8. APÊNDICES

### Apêndice 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Acadêmica: Anna Letícia Feichas

Orientador: Johannes Doll

Ao contemplarmos o universo que nos cerca, nos deparamos com a morte de diversas maneiras. Através de letras musicais, no enredo de um filme, novela ou peça de teatro, em livros, nos jogos de vídeo game, nos jornais, telejornais, no alimento que consumimos, nas propagandas de inseticida, entre outras situações. A morte é um tema que pode atravessar disciplinas escolares como literatura, história, sociologia, ciências, entre outras.

Mais que ser um tema que se adapta em diversas esferas da escola, a morte afeta a todos, ao perdermos um ente próximo e querido, ou ao sabermos que algum conhecido, ou amigo, sofreu a perda. E nestes casos não sabemos como lidar com o sentimento de perda que a acompanha.

Certamente não é um tema fácil a ser abordado, também pela cultura de “silenciar” a morte frente às crianças. Por outro lado, trata-se de um tema central da vida humana e, por isso, deveria estar presente também na escola.

Portanto, objetivo, com esta pesquisa: averiguar se **o tema morte** se faz presente nas salas de aula e se sim, como é abordado, para que se possa pensar e propor formas de abordagem, tornando-o, assim, um assunto presente no âmbito escolar, como um tema transversal.

Para a realização da pesquisa, serão selecionadas duas escolas da rede pública, uma localizada na periferia de Porto Alegre e outra em zona central. Com auxílio da equipe diretiva, selecionar um ou duas professoras de cada escola, realizar entrevistas semi-estruturadas, aproximadamente três encontros de 30 min, com datas a combinar com antecedência.

### Apêndice 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

## TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O consentimento em participar desta pesquisa por parte dos envolvidos (direção da escola, professora regente de turma do Ensino Fundamental) implica o compromisso de a pesquisadora responsável pela mesma preservar a identidade dos/as participantes, garantindo que as informações utilizadas no trabalho de conclusão de curso, em trabalhos apresentados em eventos acadêmicos e em textos publicados, como decorrência do estudo realizado, *terão sua privacidade respeitada*. Os participantes (direção da escola e professora regente) deram seu consentimento prévio, através de preenchimento do Termo de Consentimento Informado. Tal formulário foi apresentado aos participantes que aceitaram colaborar com a pesquisa, a partir de uma exposição sobre o objetivo central do trabalho: **averiguar se o tema morte se faz presente nas salas de aula e se sim, como é abordado**. Aceita a participação no estudo, a escola e a professora permitiram a realização de entrevistas semi-estruturadas (aproximadamente três encontros de 30min), com o objetivo de coleta de dados. A seguir, apresento modelo de protocolo do referido Termo de Consentimento Informado utilizado, preenchido em duas vias: uma faz parte da documentação da pesquisadora; a outra, entregue às escolas onde ocorreu a coleta de dados.

## **Trabalho de Conclusão de Curso**

**Acadêmica responsável:** Anna Letícia Feichas

**Orientadora:** Professor Dr. Johannes Doll

**Foco do estudo:** Educação sobre morte

O estudo tem por objetivo averiguar se o tema morte se faz presente nas salas de aula e se sim, como é abordado.

Após consultar a direção da Escola \_\_\_\_\_ onde atuo como docente em uma turma de \_\_\_ ano, dou meu consentimento em participar deste estudo, sob a responsabilidade da acadêmica \_\_\_\_\_ e sob a orientação do Professor Dr. Johannes Doll. Autorizo a utilização das informações extraídas das sessões de entrevistas, desde que os nomes dos participantes (professora e escola) sejam mantidos em anonimato.

Nome e Assinatura da professora:

Confirmo o consentimento (Direção da Escola):